

XXIX ENCONTRO NACIONAL DA ANPOCS

A POLÍCIA E OS JOVENS: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS

Jonas Henrique de Oliveira
(UFRJ)

GRUPO DE TRABALHO: “Violência, Conflitos e Práticas Culturais”.

Coordenadores: Beatriz M. A. Heredia (PPGAS/IFCS/UFRJ).
César Barreira (UFC).
Maria Stella Grossi Porto (UnB).

A POLÍCIA E OS JOVENS: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS

Jonas Henrique de Oliveira¹

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo discutir alguns aspectos da chamada “violência policial” praticada contra diferentes segmentos juvenis que circulam pela cidade do Rio de Janeiro e com os quais o grupo de policiais militares que entrevistei freqüentemente lida em seu cotidiano de trabalho. Este texto é fruto de uma pesquisa de campo, realizada entre março e julho de 2004, da qual resultou minha dissertação de mestrado. O objetivo da pesquisa foi compreender diferentes narrativas e significados acerca da violência policial, tendo os policiais militares como interlocutores.

Desde já, é possível afirmar desde já que em nenhum momento o grupo de policiais que eu entrevistei se considerou violento. O grupo aponta os traficantes de drogas, sejam eles jovens ou não, como os principais propagadores da violência na cidade. Assim, estes é que são violentos e disseminam o medo e o caos na cidade maravilhosa, aos policiais cabe a tarefa de “manter as coisas sob ordem”.

O presente *paper* além de analisar a concepção de mundo deste grupo de policiais militares sobre diferentes segmentos juvenis, também foca questão muito comuns associadas aos policiais de um modo geral. Cabe lembrar, que o papel do pesquisador neste trabalho é analisar e não estabelecer “juízos de valor” acerca dos relatos e narrativas com as quais teve contato. Muito mais do que estabelecer “juízos de valor” acerca dos relatos a mim narrados busquei “ouvi-los em seus próprios termos”, uma vez que não cabe a mim a tarefa de julgá-los.

Entre os policiais entrevistados é possível afirmar que as representações associadas à juventude oscilaram entre duas imagens. Uma que percebe as diferenças entre os jovens e não os consideram todos iguais e outra que substitui esquematicamente a imagem dos jovens pela dos grupos. Todavia, essas imagens colocavam os jovens dentro de um contexto social, econômico e territorial. Assim, nas falas era comum se referirem aos jovens da Zona Sul, jovens da Zona Norte, jovens da favela, jovens

¹ Mestre em Sociologia (com concentração em Antropologia) pelo PPGSA da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

traficantes, jovens consumidores de drogas, jovens em situação de rua, mas todos sendo associados de acordo com o local em que moram.

Dois informantes privilegiados: trajetórias e visões de mundo

As histórias individuais podem nos ajudar a compreender o coletivo. Para Darnton (2001:333) “cada um de nós fala à sua maneira própria, mas partilhamos a mesma gramática – ainda mais porque, em geral, não temos consciência dela”. As histórias de vida são importantes por uma necessidade que tive de entender os policiais em seus próprios termos, sem necessariamente desconsiderar evidências empíricas, mas levando em consideração “verdades” que suas narrativas revelaram.

Os dois entrevistados foram escolhidos porque possuem trajetórias muito parecidas, são eles: Mário e Roberto. Mário é 2º sargento, negro e mora em uma comunidade chamada *Parque Alegria*, localizada na Zona da Leopoldina da cidade do Rio de Janeiro. Na época que lhe entrevistei, ele tinha 18 anos de serviços prestados à PMERJ e tinha muito orgulho de estar tanto tempo na corporação. Roberto, assim como Mário, é praça, sua patente é a de soldado, branco e mora no bairro Colégio, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Na época em que lhe entrevistei havia recém completado quatro anos de polícia. Além de policial, Roberto também é GM (Guarda Municipal) e sua entrada para PM foi mais com o objetivo de complementar a renda, uma vez que o salário na Guarda Municipal “é uma merca” segundo suas próprias palavras. No entanto, ele sabe perfeitamente que não pode acumular dois cargos públicos. Como podemos perceber, suas trajetórias são bastante parecidas. Ambos são praças e, portanto, compartilham uma posição menos privilegiada dentro da estrutura e da organização inerente a Polícia Militar.

Mário – “pedindo com carinho”: mediação, virilidade e poder

Mário é policial militar e quando lhe entrevistei estava com 37 anos de idade (que só foi revelada depois que lhe perguntei pela segunda vez) pode ser definido pela serenidade que demonstrou nas duas vezes em que nos encontramos. Nosso primeiro encontro foi em um hospital muito movimentado, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde comumente ele se encontra de serviço. Ali ele é conhecido por todos:

médicos, enfermeiros e alguns pacientes, pois tira serviço naquele local há muito tempo. Sempre muito educado, mas mesmo assim não permitiu que a entrevista fosse gravada.

Com poucos minutos de nossa entrevista fomos interrompidos por uma senhora que se chamava Maria e chorava muito, pois precisava fazer um tipo de exame e naquele hospital não havia o serviço que ela precisava. Esta senhora reclamava com Mário que já havia conseguido uma vaga para se internar e assim realizar os exames no Hospital da Polícia Militar, mas naquele momento não havia ambulância disponível e precisava de alguém para levá-la. Ela contava com a ajuda de Mário para que ele ligasse ao comandante do Batalhão e este autorizasse alguma viatura policial a levá-la. Maria estava visivelmente transtornada e chorava muito e Mário tentava acalmá-la dizendo que já havia ligado para o comandante e que este pediu que ela esperasse mais um pouco. Ele demonstrava estar muito envergonhado com aquela situação que eu presenciara e assim que Maria foi embora desabafou: “às vezes nós somos mais que policial, nós acabamos sendo psicólogos, motoristas etc. agora a situação do policial é tão difícil que algumas vezes é mais fácil uma pessoa como a Maria que conhece o comandante do batalhão conseguir atendimento médico no Hospital da Polícia do que nós que somos policiais”.

A sua entrada na PMERJ ocorreu meio que por acaso, uma vez que nunca havia pensado em ser policial. Quando jovem Mário não tinha dinheiro para nada, segundo ele mesmo informou. Sua mãe era empregada doméstica e eles moravam na casa dos patrões de sua mãe. Mário sempre teve muita dificuldade em conseguir um emprego formal. No entanto, uma de suas paixões era ler jornais e após sua leitura atenciosa ele os vendia para seu vizinho. Essa era a única maneira que ele conseguia algum dinheiro. Em uma dessas leituras de jornais, Mário soube que estavam abertas as inscrições para o concurso da PMERJ, ali viu a oportunidade de “transformar a sua vida” e também a de sua mãe. A carreira militar naquele momento lhe pareceu uma opção interessante. Mário se inscreveu e após realizar todos os exames recebeu a notícia que havia passado nos exames e dali para frente seria policial militar. Foi assim que ele descreveu sua entrada na polícia que foi motivada não por “vocaçãõ”, mas pelo “acaso”. Como disse antes, Mário é apaixonado por ler jornais, mas em sua vida há ainda uma segunda paixão que é de colecionar diferentes perfumes. Realmente, no local em que a entrevista foi realizada havia vários frascos de diferentes perfumes em uma pequena estante. Essa “segunda paixão” o ajudou algumas vezes em seu trabalho nas ruas.

Segundo ele, certa vez quando fazia uma operação na Cidade de Deus – favela localizada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro – Mário acabou por prender um jovem do tráfico pelo perfume que este usava, pois conhecia muito bem aquele cheiro, pois também o usava. Vamos ao relato de Mário sobre esta experiência: “certa vez, eu estava na favela fazendo uma incursão a pé. Pelo outro lado entrou o pessoal com o carro, eu e outros policiais entramos a pé. O maior sufoco do bandido é quando a polícia entra a pé na comunidade, porque fica mais difícil para eles perceberem. Quando o policial entra com a sirene ligada, entra fazendo o maior esporo. Então, eu estava indo a pé e o meu grupo estava um pouco a frente. Eu entrei num beco. Vamos fazer um parênteses. A minha paixão sempre foi por perfumes, eu uso aquele perfume Biografia, não sei se você conhece. Respondi que sim. Voltando, aí eu ouço passos correndo em minha direção, senti aquele cheiro de perfume – Biografia – aí pensei ‘o cara acabou de tomar banho e está saindo correndo, mandei parar, quando eu vi era o Denis² (chefe do tráfico na Cidade de Deus na época), por causa desse perfume eu peguei ele mais umas duas ou três vezes”.

Este relato é muito importante para uma melhor compreensão de visão de mundo dos policiais e o quanto às associações que fazem a partir de experiências empíricas nas ruas contribui não só para ampliar essa experiência, mas para livrá-los de situações de extremo perigo a que estão expostos. Neste relato é possível perceber o quanto que algumas situações, que podem ser consideradas banais em outros contextos, nas ruas elas adquirem significativa importância.

De certa forma, o “olhar policial” é orientado, a partir dessas situações empíricas que presenciam, a desconfiar de tudo que foge a “regra”. É assim que a associação entre o jovem usar perfume, ter acabado de tomar banho e paradoxalmente estar correndo é interpretado como “algo está errado” e a ação imediata de Mário é mandar o jovem parar. A profissão de polícia pela sua própria natureza leva a uma extrema desconfiança, sobretudo de situações e pessoas que “fogem a regra”. Assim nada escapa ao “olhar desconfiado” dos policiais que ostensivamente encontram-se nas ruas. Um desvio de olhar, uma camisa mais solta no corpo, um chinelo sendo arrastado, a maneira de falar etc. podem ser motivos para acionar essa “desconfiança” tão comum na cultura policial das ruas.

² Nome fictício.

Na opinião de Mário, os policiais que entram para a polícia atualmente são muito novos, como também eram em sua época, mas há uma diferença em relação aos valores que eram diferentes dos atuais. Segundo ele, para entender essa diferença basta entrevistar os “garotos” que estão na fila de concurso para ser policial, pois com certeza que vou encontrar algum dizendo: “quando entrar eu vou roubar muito, porque lá perto da minha casa tem um policial que com menos de dois anos ele já conseguiu comprar um carro novo, uma casa não sei onde, então eu não vejo a hora de entrar para a polícia”. Para Mário, narrativas como estas marcam a diferença dos valores em relação a sua época.

No entanto, as mudanças não se restringem aos policiais, visto que ele as percebe igualmente no perfil dos “bandidos”. Ancorado em sua experiência, Mário conclui: “olha só, hoje em dia as coisas estão muito diferentes, outro dia eu acompanhei o julgamento do bando do dono do morro do Dendê, na Ilha do Governador e você não via um negão na quadrilha, eu fiquei me perguntando, como pode isso? Uns garotos bem apessoados, não dava para imaginar que eles eram bandidos”.

Ao acompanhar o julgamento e perceber que não havia nenhum “negão”, Mário se surpreende: “como é que pode isso?”. Se não dava para imaginar que eles eram bandidos é porque entre os policiais existe a idéia de quais características os bandidos possuem. Assim, a cor “você não via um negão”, muitas vezes oferece um modelo. A partir desta fala, também é possível inferir que existem representações sociais disponíveis entre os policiais sobre o perfil dos “bandidos” e que por sua vez estas reafirmam estereótipos em relação a estes. E o fato de Mário não conseguir imaginar que aqueles “garotos bem apessoados” seriam bandidos só vem corroborar essa idéia.

Além de jornais e perfumes, Mário possui um outro hobby que é tirar fotos, sobretudo de jovens envolvidos em atividades criminosas na região onde trabalha. Em nosso segundo encontro ele me mostrou fotos de jovens que tinham algum tipo de envolvimento com o tráfico de drogas. Assim que cheguei a sua sala, Mário apressou-se em abrir o armário e retirar de sua bolsa dois álbuns de fotos. Nelas, havia uma predominância de jovens negros e no máximo cinco pessoas aparentavam ter passado dos 30 anos de idade. Alguns demonstravam estar irritados com aquela situação, suas feições demonstravam que não as estavam tirando espontaneamente. Perguntei como ele havia conseguido que os jovens tirassem as fotos, afinal eles estavam envolvidos com uma atividade criminosa. Com um largo sorriso no rosto, Mário me respondeu que sabia “pedir com carinho”, sinalizando que teria dado algumas cacetadas para que os jovens

tirassem as fotos. Naquele momento entendi o rosto carrancudo dos jovens, demonstrando raiva e incômodo com aquela situação. Havia uma foto com um jovem que visivelmente estava drogado, ainda com restos de um pó branco em seu nariz. Mário me contou que aquele jovem vendia drogas na favela da Cidade de Deus e que estava endividado com o tráfico, pois consumia em drogas a maior parte do que ganhava com a venda delas.

A maneira como estavam vestidos era muito similar (bermudas, chinelos, cordão, bonés e tênis). As cores também eram bastante diversas. Em duas fotos os jovens se pareciam muito fisicamente e usavam um casaco idêntico. Mário me explicou que isso é muito comum entre os traficantes, pois existem jovens na estrutura do tráfico de drogas que são mais importantes e outros que são apenas “peças de reposição”, então, quando os jovens usam as roupas muito parecidas estão na verdade querendo dificultar suas prisões, já que os dois correm para lados opostos e, além de esta estratégia muitas vezes livrá-los da prisão, também favorece ao tráfico uma vez que evita que o jovem mais importante seja preso.

Após eu ter visto as fotos dos jovens, meu interlocutor abriu novamente o armário e retirou outro álbum de fotos. Deste ele me mostrou apenas duas fotos. Havia uma mulher muito bonita que estava completamente nua posando de perfil. Mário me perguntou: “sabe quem é essa aí?”. Respondi que não. “Essa é uma das maiores assassinas da região, ela mata brincando”, explicou. Achei aquela história interessante e perguntei: mas você não tem medo de sair com uma mulher assim? Ele respondeu: “não, vez ou outra a gente sai, nesse dia da foto, eu peguei ela roubando, ela disse que não dava para polícia porque era a maior sujeira na área, mas que comigo foi diferente”. Mário me conta essa história com uma serenidade que lhe é bastante comum. Na verdade, através daquela foto Mário buscava demonstrar “virilidade”, “força” e “poder”. Em nenhum momento ele imaginou-se errado ao trocar favores sexuais para não levar aquela mulher presa.

Após mais esse encontro, nos despedimos e Mário fez questão de me levar até a entrada do hospital onde estava de serviço. Por fim, Mário ainda teve tempo de revelar sua opinião sobre a corrupção na polícia em geral: “quando a polícia prende algum bandido pode notar, o cara chega à delegacia sem cordão, sem dinheiro. Você acha que o dinheiro deles foi parar onde? Isso é o que nós chamamos de ‘espólio de guerra’³, em

³ Leia-se “herança de guerra”.

compensação nós apreendemos uma arma, um fuzil, drogas e isso é bom, mas pode notar que o dinheiro do tráfico raramente aparece”. Enquanto Mário terminava a nossa conversa, fomos interrompidos por outro policial que lhe perguntou algo, acabamos nos despedimos e nossa entrevista acabou de forma meio inesperada. Enquanto regressava para casa, pensava naquela experiência que havia a pouco vivido. Do ponto de vista de Mário, os policiais que se beneficiam do “espólio de guerra” de certa forma contribuem para “manter as coisas sob controle”, em nenhum momento ele demonstrou que esta atitude fosse errada, pois essa ação contribui para o conjunto da sociedade, ou seja, eles apreendem armas e drogas e ainda se beneficiam da situação.

Roberto – poder e revolta: uma difícil negociação com a realidade

Roberto estava com 31 anos de idade quando lhe entrevistei e acabara de completar quatro na polícia. Uma das características de Roberto é ser comunicativo e por isso fala muito rápido. Enquanto fala gesticula com os braços o tempo todo, parecendo querer reforçar através deles suas idéias. Nosso encontro foi em sua casa, localizada no bairro Colégio, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

Antes de ser policial Roberto foi fuzileiro naval e após dar baixa do quartel optou por continuar no serviço público. Naquela época prestou concurso para ser GM - Guarda Municipal. Optou por entrar também na PM para complementar sua renda, uma vez que o dinheiro na Guarda “é uma merca”. Atualmente acumula as funções, mesmo estando totalmente ciente que sua situação é irregular já que não pode acumular dois cargos públicos.

Sua opinião acerca da Polícia Militar antes de seu ingresso assim foi definida: “eu achava que todo mundo que não conhece a polícia pensa, que é uma instituição truculenta, que lá só tinha bandido, que todo mundo que entrava iria roubar e fazer besteira”. Após seu ingresso, sua opinião mudou drasticamente: “depois que eu entrei, eu vi que não é nada daquilo, é claro que tem gente ruim, mas isso existe em todas as profissões. Existem maus enfermeiros, médicos, professores, então é claro que existem maus policiais. Agora, tem um pessoal muito honesto dentro da polícia, eu mesmo já tirei serviço com pessoas que são evangélicas, três policiais evangélicos e não adianta porque eles não faziam acerto com ninguém, podia ser o quê for que eles agiam da melhor forma possível, da maneira mais correta. As pessoas muitas vezes se esquecem

que por trás da farda tem um homem, por isso que eu digo que dentro da polícia tem muita gente boa, que ganha o seu dinheiro da forma mais honesta possível”.

Dois pontos chamam bastante atenção nesta fala de Roberto. O primeiro é que, assim como a maioria dos policiais, ele concorda que existem maus policiais, assim como, observa que em todas as profissões existem bons e maus profissionais e na polícia não poderia ser diferente. Essa opinião é comum aos policiais que entrevistei e, ao que tudo indica, parece fazer parte de discurso comum na PMERJ. Outro ponto interessante na fala de Roberto é a associação que este faz entre os policiais evangélicos e honestidade: “não adianta que eles não faziam acerto com ninguém”, ou seja, a condição de evangélico confirma e reafirma a honestidade do policial. Em outros depoimentos a associação entre religião e honestidade do policial também ocorreu, mas será que somente os policiais evangélicos é que são honestos? De fato, essas narrativas revelam representações socialmente construídas e partilhadas acerca dos evangélicos na sociedade brasileira.

Em relação aos jovens, Roberto tem uma imagem muito negativa. Para ele, a juventude na atualidade “só quer saber de transar e fazer filho adoidado. Têm muitas meninas novinhas que já têm dois ou três filhos, então o que eu posso esperar dessa juventude?”. Mas nessa fala é possível identificar que Roberto não está se referindo aos jovens em geral, mas aos jovens da favela. Prosseguindo em sua análise sobre a juventude e revelando sua percepção sobre as “meninas do asfalto” afirma:

“Os meninos da favela pegam uma arma muitas vezes maior do que eles e as meninas do asfalto vêm para favela procurar o jovem com o maior fuzil na mão, porque elas sabem que vão ter droga para cheirar o dia inteiro, então elas vêm para favela e chegam a transar com doze em uma só noite. Eu já cansei de chegar à favela fazendo batida de manhã e ver meninas lindas loiras caídas no chão, elas estavam completamente drogadas, depois de cheirar a noite inteira entram no carro e vão para casa. Os pais muitas vezes nem sabem e pensam que elas estavam na casa de uma amiga, que dormiram lá, mas estavam à noite inteira transando com os jovens na favela”.

Roberto conclui sua fala sobre os jovens de uma forma taxativa: “essa juventude que nasceu a partir dos anos 80 e que hoje estão com 20, 22, 25 anos é que estão acabando com a nossa sociedade. Eles trocam tiros com a polícia e não têm medo de nada, a morte faz parte do dia-a-dia. Eu sei que isso é fruto de uma família desestruturada, as famílias perderam seus valores, mas de ano para ano isso está pior,

quando eu entrei para a polícia a coisa não era tão complicada assim, nos últimos dois anos só piorou e se continuar assim eu não sei onde isso vai dar”.

Na percepção de Roberto se as coisas continuarem do jeito que estão não há futuro nem para a juventude nem para sociedade, já vez que a juventude projetada como o futuro da sociedade encontra-se num processo generalizado de destruição. As meninas da favela “só querem fazer filhos adoidados”; as meninas do asfalto “vêm para favela procurar o jovem com o maior fuzil na mão, porque elas sabem que vão ter droga para cheirar o dia inteiro, então elas vêm para favela e num dia chegam a transar com doze em uma só noite” e os jovens nascidos a partir dos anos 80 “eles trocam tiros com a polícia e não têm medo de nada, a morte faz parte do dia-a-dia”. Nesta divisão intuitiva que Roberto faz da juventude, imagens associadas a algo negativo são as mais enfatizadas. Além disso, os jovens são vistos como produtores de violência, com valores relacionados à sexualidade deteriorados e só interessados em “cheirar o dia inteiro”. As imagens dos jovens estão associadas a um destino de degradação moral, social, sem horizontes, projetos, em suma, sem futuro. No entanto, quando pensa o papel do policial militar na cidade do Rio de Janeiro, Roberto o define como “Herói anônimo”. Em sua visão de mundo, os policiais são heróis porque além de manterem as coisas sob “controle”, trabalham sem colete ou com estes vencidos, com armamentos enferrujados, muitas viaturas não funcionam de forma devida, os salários estão defasados etc. por tudo isso considera o policial um herói. Tal como em um filme onde o mocinho, mesmo tendo vários fatores contra, acaba sempre vencendo no final ou no caso dos policiais militares, acabam sempre mantendo as coisas sob “controle”.

Roberto está a quatro anos na polícia, mas apesar disso pode ser considerado um policial experiente. Segundo ele, já trabalhou em muitos batalhões e por isso está em condição de compará-los. Ele foi quem me explicou que existem batalhões em que há troca de tiros todos os dias com bandidos, enquanto me contava isso abaixou a voz por não gostar de comentar isso próximo aos seus familiares, pois evita preocupá-los. Roberto por ter sido transferido algumas vezes de batalhão acabou muitas vezes por trabalhar em batalhões considerados “chapas quentes”, mas nunca relata as suas experiências com os seus familiares. Enquanto conversávamos, seus pais e sua esposa constantemente passavam pelo local em que nos encontrávamos buscando ouvir e vigiar o teor da nossa conversa.

Roberto já desrespeitou muitas regras não verbalizadas presentes na organização policial, talvez por isso as transferências que teve desde seu ingresso. Quando trabalhou

na Zona Sul da cidade certa vez abordou um grupo de jovens que fumavam maconha na praia de Copacabana e por ter sido desacatado pelo grupo, resolveu levar todo mundo para a delegacia. Este episódio fez com que muitos moradores daquele espaço se aglomerassem e pedissem a Roberto que os jovens não fossem conduzidos à delegacia. Dentre os jovens, havia uma menina que, por morar ali perto, disse que ela só entraria na viatura policial uns 100 metros à frente, pois não iria passar por aquele constrangimento. Roberto indignou-se com esta menina em especial e naquele momento demonstrou todo o seu “poder de polícia”: algemou os jovens, fez fila indiana e conduziu-os à delegacia. Chegando lá, a delegada que estava de plantão não quis registrar a ocorrência, segundo Roberto “isso vira e mexe acontece, pois ocorrência com maconheiro não dá dinheiro para polícia civil, ela me pediu para aliviar”. Nem mesmo pedido da delegada fez com que Roberto recuasse em sua atitude e prosseguiu na sua intenção de registrar a ocorrência, mesmo após ser advertido pela delegada: “você está correndo o risco de ser transferido”, o que de fato ocorreu alguns meses depois.

Perguntei então o que aconteceria caso a delegada decidisse não registrar a ocorrência? Ele me informou que se isso ocorresse, teria que levar o caso para a “delegacia de dia” que, segundo ele, é obrigada a registrar todos os casos que por algum motivo não foram registrados na delegacia comum. Nesta delegacia, o policial faz um boletim que será encaminhado ao judiciário explicando os motivos que o levaram a registrar a ocorrência ali e não na delegacia comum. Mas, de acordo com Roberto se isso ocorrer certamente o policial será punido. Esta punição pode vir como uma transferência para um batalhão de maior risco e com maiores chances de confronto entre policiais e bandidos. Após narrar mais essa experiência, Roberto demonstra a sua indignação com a situação dos policiais que estão nas ruas “(...) às vezes somos obrigados a trabalhar de forma errada, fingir que não vê as coisas e deixar passar. Nesse caso eu fiquei registrando a ocorrência até duas horas da madrugada, o meu serviço terminou as oito e fiquei até duas horas fazendo a ocorrência, agora me pergunte se eu ganhei hora extra por isso”. A situação que vive às vezes o revolta, pois muitas vezes foi obrigado a “fechar os olhos” e fingir que não viu nada. Assim ele relata as dificuldades quando tirou serviço numa favela carioca:

“Eu mesmo, quando estava embasado no Morro da Mineira, eu nunca tinha trabalhado lá, aí um colega me levou para conhecer o dono do morro. Cheguei lá e vi um arsenal com mais de 100 armas, tinha fuzil, pistola e tudo mais, então o colega disse: ‘olha esse é o novo cara que vai tomar conta aí do morro’, nós

ficávamos em uma guarita dentro do morro; teve um dia que chegou um grupo de bandidos e um disse ‘olha, nós vamos passar aí’, ele não perguntou se podia passar, ele só comunicou que eles iriam passar então nós entramos na guarita enquanto o bonde passava. Agora eu acho isso uma vergonha para a polícia, mas nós agimos assim para salvar a nossa pele, eu tenho esposa e filho para criar. Agora tem o policial que prefere andar errado; o policial que está na rua pode chegar a ganhar de R\$300 a R\$500 por dia, então é um dinheiro muito fácil que ele ganha, mas nem todos são assim”.

Curiosamente quando Roberto foi apresentado ao dono do morro como “o cara que vai tomar conta do morro”. Esta frase revela alguns dos dilemas a que os policiais que trabalham em favelas ou próximos estão submetidos. Tomar conta do morro significa, entre muitas coisas, proteger a facção criminosa que ali se instalou. Por outro lado, significa também ter que fazer concessões para “salvar a pele”, pois Roberto, como muitos outros policiais, “tem esposa e filho para criar”. Antes de terminarmos a nossa entrevista, Roberto ainda teve tempo para contar-me mais uma de suas experiências nestes quatro anos de polícia. Certa vez, quando estava de serviço observou que:

“Tinha uma velhinha que estava descendo o Morro da Mineira em um carro importado, ela estava descendo o morro tarde da noite em *Picasso Xsara*. Então essa é uma atitude suspeita típica, uma velhinha descendo o morro em um carro importado, só podia estar acontecendo algo de errado. Então o sargento que estava com a gente falou para eu abordá-la. Quando eu cheguei perto do carro ela não sabia explicar muito bem o que estava fazendo ali e ficou um pouco nervosa, com as mãos trêmulas, demonstrando uma atitude suspeita. Pedi para ela mostrar o nariz e estava todo branco, cheio de pó”.

Depois de contar essa história, perguntei a Roberto se ele conduziu aquela senhora à delegacia e ele respondeu que não, “afinal ela era uma velhinha”. Então fiz mais uma pergunta: “mas se fosse eu que estivesse ali em um *Picasso Xsara* você teria me levado para a delegacia, não é mesmo?”. Roberto me respondeu com um sorriso. Da mesma forma que Mário, Roberto fez questão de me levar até a estação de Metrô que fica próximo a sua casa, ali nos despedimos e finalizamos nossa entrevista.

Jovens da Zona Sul: sobre “playboys” e “pitboys”

Os jovens de “classe média” - localizados espacial e socialmente na Zona Sul carioca - são vistos pelos policiais como consumidores de drogas em sua grande maioria. As narrativas dos policiais atribuem aos jovens desta região o consumo de drogas ilícitas (maconha e cocaína). Curiosamente, poucas narrativas identificaram os jovens moradores de outras regiões da cidade como consumidores de drogas. Pode-se falar em uma divisão espacial e social da cidade. Certamente, esta divisão faz parte das representações dos policiais entrevistados em relação à juventude, à medida que separam consumidores e traficantes.

Além disso, os jovens de “classe média” são considerados sem limites. No entanto, a culpa pela falta de limites dos jovens é atribuída aos pais. O fato de terem dinheiro, casa própria, educação de qualidade etc., não é suficiente para um controle das atitudes dos jovens, porque mesmo tendo isso, podem não ter a “estrutura familiar⁴”. Entre as atitudes consideradas sem limites que foram lembradas, podemos destacar: a queima de mendigos nas ruas, a quebra de orelhões públicos, as brigas de grupos rivais, podendo evoluir para atitudes consideradas mais graves como roubo a pedestres e de carros.

Analisando a juventude dentro de outra perspectiva, alguns policiais constataram que nos dias atuais o que existe é uma “completa inversão de valores”, que pode ser verificada quando um jovem de “classe média” é conduzido para a delegacia ao ser flagrado consumindo drogas. Logo que os pais chegam à delegacia, eles buscam “justificar” a atitude do filho dizendo: “mas maconha é uma droga leve”, os policiais contestam “droga leve é droga”. Deste modo, afirmam que muitas vezes os jovens não têm noção que a maconha dele, com a maconha de outro jovem e assim por diante, fortalece o poder do tráfico de drogas, portanto, contribui para o aumento da violência. Ou seja, os policiais consideram que há uma estreita relação entre consumo de drogas e o progressivo aumento da violência na cidade do Rio de Janeiro.

Os policiais consideram que o tráfico de drogas contribui para o aumento de crimes contra a propriedade (roubos e furtos) e contra a vida (agressões e homicídios). Entre eles é comum também a idéia de que os jovens de “classe média” financiam o

⁴ “Estrutura familiar” pode ser considerada uma relação entre pais e filhos, sendo os pais responsáveis para passar os valores necessários à formação de um “bom jovem”. Sem essa “estrutura familiar” os jovens correm maiores riscos de aprender “o que não devem nas ruas”.

tráfico de drogas no Rio de Janeiro. O problema maior da polícia, nestes casos, é o sentimento de “mãos atadas” para combater o consumo de drogas entre os jovens que pertencem a esse grupo social, pois a rede de contatos pessoais que possuem os livra de constrangimentos com a polícia de um lado e por outro não há incentivo do poder público para combater o consumo. Portanto, o tráfico de drogas é mais intensamente combatido pela polícia, porque dele resultam crimes que põem em risco a segurança da população e contribuem para aumentar a sensação de insegurança dos cidadãos comuns. O aumento desta sensação de insegurança faz com que os gestores da segurança pública adotem “respostas imediatas” para aumentar a sensação de segurança da população.

Outro exemplo da “completa inversão de valores” sociais foi dado por um oficial⁵ que afirmou ser comum o consumo de drogas nas praias cariocas. De acordo com este oficial, as praias são preferidas porque nelas os jovens podem “fumar maconha com amigos”, exercitando assim sua liberdade individual. Outro motivo da escolha das praias é porque são locais privilegiados para observar os policiais a metros de distância, o que facilita esconder a droga na areia e assim se livrarem do flagrante e de possíveis constrangimentos. Outro entrevistado disse que para se livrar do flagrante, já viu alguns jovens comerem a droga. Há ainda, alguns policiais que acreditam que a própria legislação brasileira favorece o tráfico de drogas ao reconhecer o tráfico como crime, mas não o consumo. Ou seja, ao invés de coibir o consumo a legislação brasileira o estimula e quanto mais os jovens consomem drogas mais favorecem o tráfico.

No discurso dos policiais, algumas instituições são responsáveis para educar os jovens e passarem os valores necessários para que estes não se envolvam em “coisas erradas”. Nesta linha de raciocínio, a família é a instituição por excelência responsável por manter os jovens sob controle. Percebe-se claramente a idéia de “desestrutura familiar” – à medida que as figuras paternas e maternas não mais oferecem modelos para seus filhos, pois não passam os valores necessários para que os jovens vivam em sociedade. Na maioria dos casos, os pais dos jovens de classe média são responsabilizados quando não tem tempo para cuidarem dos filhos, transferindo dessa forma, suas responsabilidades para outros atores sociais, como a escola.

No ponto de vista dos policiais entrevistados, o excesso de tarefas que os pais de jovens de “classe média” imputam aos seus filhos é um erro. Na tentativa de preencher sua falta de tempo, os pais procuram ocupar ao máximo o cotidiano de seus filhos,

⁵ 2º Tenente, 29 anos de idade. 2º BPM – Botafogo. 5 anos de serviços prestados à PMERJ

pagando aulas de inglês, natação, ginástica, cursos diversos etc., mas investem pouco na atenção necessária aos filhos e no convívio familiar. Como os pais dos jovens de “classe média” não têm tempo para “vigiar” se os seus filhos estão realmente realizando as atividades que eles financiam, eles acabam passando tempo demais nas ruas “aprendendo coisas que não devem”.

Existem festas freqüentadas exclusivamente por jovens de “classe média”. Nestas, a entrada pode custar R\$100 o que exclui os jovens das “classes populares”. Um oficial⁶ que entrevistei disse que gosta de freqüentar tais festas, mas se vê obrigado a omitir sua condição de policial e “fingir que não viu nada”. Este policial diz que se tivesse que tomar providências, “teria que prender metade dos jovens” que ali estavam, pois o consumo de drogas nestas festas é grande. Este fato revela que no seu trabalho ou nas horas de lazer, os policiais são levados a reservar para si um repertório de condutas ilegais. Essas condutas são acionadas dependendo do que está em jogo. Nos momentos de lazer, muito provavelmente, os policiais “fecham os olhos” para algo que saibam estar errado. De fato, suas condutas oscilam entre a legalidade e a ilegalidade. Quotidianamente, estabelecem classificações ambíguas em relação ao que considerar “crime”; o que justifica “fazer vistas grossas” em certos momentos. Nesta perspectiva, o “fazer vistas grossas” é justificado com outra sentença: “é impossível ser policial 24 horas por dia”.

As brigas podem ser consideradas outra característica dos jovens de “classe média”. Muitos fatores concorrem para estimulá-las, a emulação por mulheres parece ser um dos motivos mais comuns. Se um jovem paquera a namorada de outro - rompendo fronteiras imaginárias simbolicamente construídas pelos jovens que dividem e classificam o espaço dos bailes - ou olha atravessado, já é motivo suficiente para brigar. O interessante é que as brigas são utilizadas para marcar as diferenças entre a geração atual e a dos entrevistados. Apesar de encararem as brigas como comuns na época em que eram jovens, os policiais mais velhos, disseram que gostavam de ir aos bailes “arranjar mulher” e, atualmente, os jovens já saem de casa com a intenção de brigar. Dois grupos de jovens foram muito lembrados pelas brigas que se envolvem: os pitboys e os funkeiros. Evidentemente a repressão policial se faz mais presente no segundo grupo.

⁶ 1º Tenente, 24 anos de idade. 13º BPM – Praça Tiradentes. 7 anos de serviços prestados à PMERJ

Sabemos que historicamente as manifestações vindas das “classes populares” sempre foram vistas como perigosas aos olhares da população e dos policiais mantenedores da ordem pública. Dependendo do espaço que essas manifestações estejam sendo realizadas, elas podem ser duramente reprimidas. A declaração de um policial que entrevistei, fornece argumentos de como o espaço influencia no tratamento dos policiais aos diferentes grupos que circulam pela cidade:

“Os jovens da Zona Sul, os famosos pitboys, esses só fazem arruaça na Zona Sul, vê se você houve falar em pitboy aqui na Zona Norte, na Penha, em Olaria, em Ramos? Aqui é subúrbio meu amigo, aqui o buraco é mais embaixo, se um pitboy desses parar na minha frente na Zona Norte, eu encho ele de bala. Veja só, eu sou baixinho, uso óculos, na mão não tem como fazer, então, eu nem penso duas vezes, encho ele de bala. Mas na Zona Sul não, ele pode ser filho de um desembargador e aí a coisa complica”.⁷

O depoimento acima confirma que o tratamento aos grupos de jovens depende do espaço em que se encontram. Notemos que as brigas também ocorrem em grupo, dificilmente, jovens sozinhos se envolvem em brigas. É mais comum que elas ocorram em grupo e entre grupos rivais. A violência que as brigas exprimem pode ser entendida como uma espécie de “divisão simbólica” da cidade pelos grupos de jovens. Os grupos se reconhecem pelos bairros que moram e pelas atividades de lazer que praticam (skate, surf, rock, hip-hop, funk, etc.).

Em menor número, mas nem por isso menos importantes, surgiram depoimentos associando jovens de “classe média” a crimes como: roubo a bancos, carros importados, pedestres etc. No entanto, esses crimes eram todos relacionados ao vício das drogas. Outro ponto comum aos policiais que entrevistei, é a visão hedonista que costumam fazer dos jovens de “classe média”. O consumo de drogas (lícitas e ilícitas) seria mais um caminho na busca pelo prazer. Tudo me leva a supor a visão hedonista associada aos jovens de “classe média” extrapola as fronteiras da classe social, podendo ser pensada para a juventude em geral, mas foi entre os jovens de “classe média” que ela foi mais enfatizada. Esta visão agrega outros aspectos importantes. Não por acaso, muitas falas apontam os jovens desta geração como sem ideais, sem perspectivas, sem horizontes, sem rumo, sem futuro etc., ou seja, a atual geração é pensada pelo que perdeu em relação à geração anterior. Assim, podemos deduzir que os policiais manipulam a

⁷ 2º sargento, 37 anos. 18º BPM – Jacarepaguá. 18 anos de serviços prestados à PMERJ.

categoria juventude de acordo com suas “intenções” e experiências cotidianas. Essa manipulação certamente está de acordo com seus interesses e, de certa forma, com a visão de mundo que construíram a partir de um contexto socialmente definido.

Alguns policiais concentraram suas reflexões sobre a juventude atual, a partir do que ela não possui (horizontes, rumo, futuro etc.) quando comparada com a geração que lhe precedeu ou a dos próprios entrevistados. Essas reflexões confirmam que cada geração de fato possui “marcos geracionais” específicos, que orientam a percepção sobre a geração que a sucedeu ou precedeu, possibilitando dessa forma a comparação entre elas. Ao comparar as juventudes, os policiais revelam o que a atual geração perdeu em relação a que eles pertenceram. É justamente este tipo de pensamento que possibilita o “discurso da perda”.

Certamente as brincadeiras podem ser consideradas “marcos geracionais” específicos a cada geração. Elas também foram lembradas e utilizadas pelos policiais como marcadores de diferenças entre as gerações. Alguns policiais disseram que em suas épocas as brincadeiras mais comuns eram: “garrafão, amarelinha” e uma das mais pesadas “pêra, uva, maçã e salada mista”. Mas, ao falarem das brincadeiras da atual geração, alguns policiais disseram: “eles só querem saber de transar, fazer filhos e consumir drogas”. Dessa forma, os policiais demonstram saudosismo em relação ao passado e/ou certa ingenuidade dos jovens de sua geração cuja brincadeira mais pesada era “pêra, uva, maçã e salada mista”, muito diferente do que ocorre nos dias atuais.

Nas entrevistas, os policiais sempre relataram as dificuldades que têm em cumprir a lei quando se trata dos jovens de “classe média”. Assim, enfatizavam que a rede de sociabilidade a que estes jovens estão ligados, onde autoridades ligadas a segurança pública estão inseridas, contribui para que o seu trabalho nas ruas não tenha o efeito que desejam. Muitas vezes, se dizem desanimados e que às vezes “é melhor fingir que não viu nada” e se eximir da responsabilidade. Em muitas entrevistas, ouvi dos policiais que várias vezes eles conduziam os jovens de “classe média” à delegacia por se envolverem em brigas ou mesmo consumirem drogas e mesmo assim em nada adiantava. A entrevista abaixo relata a indignação de um policial que constata a benevolência da justiça com os consumidores de drogas:

“As ocorrências com drogas, às vezes, o policial finge que nem vê. Até porque não adianta nada, hoje em dia é muito difícil um cara ser preso porque estava consumindo drogas, o que acontece é que ele acaba sendo obrigado a prestar algum serviço comunitário; se pegar menos de dois anos a pessoa não vai presa, às vezes,

é obrigado a doar uma cesta básica por dois anos a um asilo ou pintar os muros da cidade, mas ir preso mesmo não vai, então não adianta prender alguém por consumo de drogas que não dá em nada. Você viu o caso do ator Marcelo Antony⁸, com aquela quantidade que ele foi pego certamente ele iria traficar, porque tráfico é quando você dá, transfere a droga para outra pessoa; eu posso estar aqui com uma quantidade de maconha, até aí eu sou consumidor, agora se eu te oferecer aí já caracteriza o tráfico, eu duvido que o Marcelo Antony não estava traficando, mas ele é ator global e foi liberado. O pior é que tem gente que foi pego com uma quantidade muito menor que a dele - 50 gramas - e está preso como traficante. Ele foi pego com 400 gramas e não deu nada para ele; então eu acho que a justiça aqui no Brasil é muito fraca, a lei eu acho boa, mas a justiça não funciona”.⁹

Nessa entrevista o policial se questiona sobre a eficiência da justiça no Brasil. Para ele, o ator Marcelo Antony deveria responder pelo crime de tráfico de drogas, devido à quantidade de drogas que foi apreendida em seu poder. Porém, o seu “crime” teve outra interpretação e, ao invés de ser indiciado como traficante, foi indiciado como usuário, beneficiando-se da lei. Na verdade, os depoimentos colocam em cheque o papel da polícia em nossa sociedade. Se para o policial “a justiça aqui no Brasil é muito fraca” e “não funciona”. Poderíamos avançar um pouco nesses argumentos e questionar: Para qual grupo a justiça brasileira não funciona?

Certamente a idéia de hierarquia social tão bem analisada por DaMatta (1997) tem seus reflexos no sistema judicial Brasileiro. Isso permite que alguns cidadãos respondam de maneira diferente pelos mesmos crimes. É isso que o caso do ato Marcelo Antony revela.

Além do desânimo, a revolta foi outro sentimento destacado pelos policiais, muitas vezes acionado por um olhar inquisitório da população que a todo o momento acusa o policial de corrupto, violento, truculento dentre outros. Nesta gramática não verbalizada os policiais se vêem pressionados pela população que os criticam em suas ações e pelos superiores hierárquicos que cobram soluções rápidas para algo de ruim que tenha ocorrido na cidade. Por outro lado, constantemente relatam os riscos que estão expostos no exercício de sua profissão; a falta de equipamentos adequados, baixos salários, equipamentos que não funcionam, longas jornadas de trabalho e o fato de muitas vezes trocarem tiros em suas operações e não terem descanso, sendo obrigados a

⁸ Marcelo Antony é ator da rede Globo de Televisão que em Abril de 2004 foi preso em Porto Alegre com 97 gramas de clone (mistura de maconha e produtos químicos). Antony foi enquadrado como usuário de drogas. Se fosse como traficante a pena poderia ser de 3 a 15 anos de prisão. Os policiais autuaram o ator por tráfico de drogas devido à quantidade de maconha encontrada com ele, mas o juiz de Direito Mauro Borba, que expediu alvará de soltura de Antony, desclassificou a autuação por tráfico e o enquadrado por uso de drogas. Fonte: Estadão on line de 20/04/2004

⁹ Soldado, idade não revelada. Batalhão de Choque. 4 anos de serviços prestados à PMERJ.

permanecer de serviço após um momento de tensão. Por todos esses motivos, os policiais alimentam o sentimento de revolta em relação à situação que vivenciam. Assim, justificam “e a população ainda quer cobrar da gente educação, respeito. Como eu posso ter educação quando acabo de sair de uma troca de tiros?”, relata um entrevistado¹⁰.

Jovens da Zona Norte: “favelados” e “suburbanos”

É sobre este segmento da juventude que os policiais concentram o seu olhar discriminatório. É comum os policiais afirmarem “estar de mãos amarradas para lidar com os jovens de classe média que consomem drogas”, no entanto, em relação aos jovens das favelas e subúrbios cariocas, esses discursos não acontecem de forma alguma. Paradoxalmente, muitos entrevistados preferem lidar com os jovens moradores das favelas e subúrbios a lidarem com os jovens de “classe média” e moradores da Zona Sul. Segundo um entrevistado¹¹ “os jovens na Zona Norte respeitam mais, quando nós os mandamos parar, eles respeitam logo. Os jovens da Zona Sul não, eles não respeitam muito, tratam com arrogância o policial, talvez pelo fato de terem dinheiro e saberem que não vão ficar presos”. Se referindo aos pais destes jovens, este mesmo entrevistado observa “os pais também são truculentos com a gente, nos tratam com indiferença e os filhos, se inspirando nas ações dos pais, agem da mesma forma”.

Em relação à atuação dos policiais na Zona Norte e Zona sul da cidade Sansone (2002:526) afirma que: “Na Zona Norte do Rio de Janeiro, predominantemente de classe baixa, o policiamento é mais rude e resulta na morte de um número muito maior de pessoas do que na Zona Sul, mais rica. Na primeira, as pessoas são mais pobres, porém o clima geral de ilegalidade oferece mais oportunidades para formas de corrupção em pequena escala e as atividades escusas paralelas – um acréscimo fundamental aos magros salários dos PMs. Na Zona Sul, ao contrário, o policiamento é muito menos violento e, por conseguinte, menos perigoso para os próprios PMs, porém é mais difícil conseguir propinas, porque as pessoas tendem a ser mais assertivas e mais difíceis de intimidar – ‘temos que tomar cuidado, porque a gente pode parar um sujeito e descobrir que ele é juiz ou filho de um juiz!’”.

¹⁰ Soldado, 30 anos. 3º BPM – Méier. 6 anos de serviços prestados à PMERJ

¹¹ Soldado, 29 anos. 24º BPM – Queimados. 6 anos de serviços prestados à PMERJ

Como vimos a preferência em lidar com os jovens moradores da Zona Norte é justificada porque é lá que “os jovens respeitam mais”. Por outro lado, um entrevistado¹² avaliando a atuação da polícia na Zona Norte observa que: “o comportamento dos policiais quando estão na Zona Sul é bem diferente de quando estão na Zona Norte. Na Zona Sul eles dizem não senhor e sim senhor, mas na Zona Norte, eles entram invadindo, arrombando portas e pronto. Eu sei que é errado, mas é assim que acontece”.

Em sociedades hierárquicas, como é o caso do Brasil, DaMatta (1997) constatou ser comum a seguinte pergunta “você sabe com quem está falando?”, sendo esta um estabelecimento social e não um modismo passageiro, fruto de uma época ou camada social. Certamente os jovens moradores da Zona Sul carioca lançam mão desta pergunta ao serem abordados por policiais militares. Agindo assim, os jovens não só demonstram sua posição social, autoridade e poder em relação ao policial, mas também coloca em cheque a autoridade daquele que os aborda.

A experiência de policiar as ruas da cidade faz emergir muitos discursos. Dentre eles, alguns policiais acreditam que a experiência em atuar em favelas faz com que eles digam saber “identificar” trabalhadores e bandidos naqueles espaços. Com base em suas próprias opiniões e definições, os policiais identificam, classificam, separam e punem os possíveis “bandidos” que ali residem. Se houver dúvida, prontamente a carteira de trabalho é retirada do bolso para atestar a idoneidade do morador. Seguramente por isso a carteira de trabalho “assinada”, nas favelas e subúrbios é tão importante. Rinaldi (2003:318) ajuda a entender essa questão: “em certas falas, esses profissionais afirmam que nem todos os favelados são marginais; que ter contato com eles não oferece perigo; que existem favelados honestos e trabalhadores. O que permanece, no entanto, é que toda a vez que procuram negociar a identidade de favelado, o ponto de partida é o estigma, o lugar da ‘anormalidade’, da anomia, da carência. Por isso, mesmo quando se usam símbolos de prestígio, tais como uma folha penal limpa e uma carteira de trabalho, permanece a categorização mais geral acerca desse grupo. Favelado continua sendo ‘marginal’, e os que não confirmam a regra são exceção”.

O tráfico de drogas é o crime mais atribuído aos jovens das favelas e dos subúrbios cariocas. Dentre as muitas explicações para o envolvimento dos jovens das favelas com o tráfico, a de ser esta uma atividade onde se movimenta muito dinheiro e

¹² Soldado, 29 anos. 24º BPM – Queimados. 6 anos de serviços prestados à PMERJ

há maiores possibilidades de se “ganhar dinheiro fácil”. Ainda sobre este assunto, um entrevistado observa: “então veja o caso da Rocinha, lá não tem saneamento básico, não tem projetos sociais, não tem auxílio do Estado e ao mesmo tempo o jovem tem a família grande, o pai morreu, está desempregado ou ficou no nordeste. Ao mesmo tempo tem a figura do traficante que começa pedindo ao jovem para buscar uma coca-cola, depois um pão com mortadela, ele vê as pessoas respeitando o traficante e chamando-o de ‘senhor fulano de tal’, depois ele vira avião, mula, soldado e quem sabe chega a gerente, isso se sobreviver até lá”. Retrato triste e determinista traçado por este entrevistado. Para ele, só há um único caminho a ser percorrido pelo jovem que veio do nordeste e não conta com a ajuda do pai que é: entrar para o tráfico de drogas. Em sua opinião, o Estado não fornece as condições necessárias para que os jovens possam desenvolver suas habilidades. Por outro lado, ele constata a “desestrutura familiar” e a região da pobreza no Brasil quando diz que o pai ficou no nordeste. Em sua opinião, o tráfico acaba sendo um caminho natural aos jovens que não tiveram oportunidades na vida.

O respeito atribuído ao chefe do tráfico de drogas, na visão dos policiais, pode ser um estímulo à entrada dos jovens para o tráfico. Este respeito traz consigo outros elementos importantes que vão influenciar na entrada dos jovens para o tráfico. Ouvi de muitos policiais que os traficantes conseguem as melhores mulheres da comunidade. Assim um entrevistado¹³ afirma que: “esse pessoal que entra no tráfico porque vai conseguir as melhores mulheres, tênis de marca, respeito dentro do local em que moram, então ele acaba sendo referencial para outros meninos. Eu estou cansado de ver nos julgamentos que participo mulheres lindas que estão com esses jovens, muitas vezes eles são malcheirosos, porque não tomam banho, mas mesmo assim têm quatro, cinco mulheres dentro da favela. Então eles saem de uma casa e vão para outra sem tomar banho. O que eu sinto nesses jovens é que eles têm pressa de viver, muitos sabem que a vida é curta, que vão morrer rápido, então eles têm pressa de viver. Vivem intensamente, mas não tem tempo para tomar banho, aproveitam cada minuto da vida como se fosse o último”¹⁴.

Alvito (2001:72) esclarece a importância para os traficantes o fato de terem várias mulheres na favela: “sendo assim, aquilo que a mídia compara a um harém – emprestando à favela um exotismo oriental – e, além de uma demonstração de poder,

¹³ 2º Sargento, 37 anos de idade. 18º BPM – Jacarepaguá. 18 anos de serviços prestados à PMERJ.

¹⁴ 2º sargento. 38 anos de idade. 18º BPM – Jacarepaguá. 18 anos de serviços prestados à PMERJ.

prestígio e virilidade, uma estratégia conscientemente percebida. Ter várias mulheres significa ampliar a rede de parentesco e, também, de solidariedade. Multiplicam-se assim as casas onde abrigar-se por algumas horas ou por uma noite, os locais onde esconder armas e drogas”.

Na busca de causas que podem influenciar a entrada dos jovens no tráfico, assim como podem tornar-se um fator de resistência contra sua entrada, outro elemento importante foi lembrado: a família. Estas foram responsabilizadas pelos policiais por não terem a “estrutura” necessária para passarem certos valores aos filhos. Se entre os jovens da Zona Sul a família é responsabilizada por não passar os valores aos filhos, pois os deixam soltos demais, entre os jovens moradores das favelas as famílias estão “desestruturadas” e deixam um vazio que permite a aproximação dos jovens com os traficantes. Um entrevistado¹⁵ definiu como isso acontece:

“Hoje em dia o que está acontecendo é que não tem mais estrutura familiar, não tem emprego então aumenta a violência. A mãe está desempregada, o pai é um alcoólatra, o governo não dá educação, a favela não tem saneamento básico, não tem projetos, então o jovem da favela não tem muita opção e entra para o tráfico de drogas. A mãe não gosta da entrada do filho no tráfico, mas, às vezes, o dinheiro que ele ganha no tráfico sustenta a família, então mesmo ela não gostando, acaba aceitando. Então o jovem da favela vive em tensão, muitos têm que roubar quando não estão no tráfico”.

Notemos que no relato acima a explicação para a entrada dos jovens no tráfico de drogas segue uma explicação social, não encontrei nenhum entrevistado que buscasse explicá-la a partir de pressupostos biológicos. Para eles, desemprego leva a falta de estrutura, que por sua vez, leva ao alcoolismo. Assim a falta de saneamento básico aliado a falta de projetos e a falta de educação, definem o caminho do jovem que “por não ter muita opção entra para o tráfico”. De fato, notamos nas falas dos entrevistados um discurso comum. Neste, alguns fatores influenciam na entrada dos jovens para o “mundo do crime”, os mais comuns são: respeito que os traficantes têm; família desestruturada; busca de poder, consumo de bens como tênis e roupas de marca e mulheres.

Na percepção dos policiais se percebe três elementos: pobreza, consumo e poder. Juntos, estes fatores apontam as causas mais comuns que estimulam a entrada de jovens pobres no tráfico de drogas. Porém, alguns policiais atribuem parte da culpa ao Governo

¹⁵ Soldado, idade não revelada. 15º BPM – Caxias. 9 anos de serviços prestados à PMERJ

Municipal, Estadual e Federal que não investem em educação e em melhorias na condição de vida dos moradores das favelas.

Nas favelas, a arma na cintura ou em punho representa poder e autoridade para os jovens traficantes que habitualmente ostentam. Durante as entrevistas, notei que os policiais não se mostraram sensibilizados em relação aos jovens que estão morrendo nas favelas e subúrbios do Rio de Janeiro. Para mim, a arma que os jovens traficantes ostentam produz uma espécie de “demonização” destes, que são considerados “inimigos”, “outros” e até sua “humanidade¹⁶” é questionada. Como inimigo, os policiais é que determinam o tipo de tratamento que devem receber. Dessa forma, identificam os inimigos (traficantes) e o local em que vivem (favelas), julgam o tratamento e a sentença que acreditam que os jovens merecem.

Se os policiais mais velhos, ancorados em sua experiência, acreditam saber identificar trabalhadores e bandidos nas favelas, outros policiais, sobretudo os mais novos, consideram que na favela não se sabe “quem é do bem” e “quem é do mal”. A partir dessas classificações elaboram frases como: “antes a tua mãe chorar que a minha”. Os policiais devido ao seu cotidiano de trabalho, que os põe em contato direto com as diferentes juventudes que transitam pela cidade, manipulam a categoria juventude de acordo com seus interesses.

“Olha, eu acho a juventude hoje em dia imatura, impulsiva; o jovem hoje em dia não tem responsabilidade, então muitos acabam entrando para o tráfico. Eu não posso considerar um garoto de 12 anos que segura um fuzil ou uma faca um jovem. Então o jovem é alienado porque não vê o dado com outras direções. Eu não digo nem a moeda que só tem dois caminhos, mas o dado com outras direções¹⁷”.

Em seu livro: *A letalidade da ação policial*, Cano (1997:80) conclui: “o número de vítimas fatais é maior nas intervenções nas favelas da cidade. Em contrapartida, o número de feridos é superior nas intervenções no asfalto. Conseqüentemente, a letalidade das atuações policiais nas favelas é mais de duas vezes superior à de suas ações no asfalto. No entanto, os confrontos dentro das favelas parecem representar um risco comparativo menor para os próprios policiais e um risco menor também para as vítimas acidentais (balas perdidas)”.

De fato, a atuação do policial no asfalto é diferente da sua atuação nas favelas, da mesma forma que a sua atuação na Zona Sul é diferente de quando estão atuando na

¹⁶ Ver capítulo 1 desta dissertação, especialmente o item sobre os direitos humanos.

¹⁷ Soldado, 30 anos. 3º BPM – Méier. 6 anos de serviços prestados à PMERJ.

Zona Norte. No asfalto, como revela Cano, o número de feridos é superior, revelando que ali a letalidade da ação policial é menor se comparado às favelas, onde o número de mortes é superior ao número de feridos. Os policiais que eu entrevistei, não demonstraram qualquer preocupação com o número elevado de mortes dentro das favelas, apesar de reconhecerem que ali “não existem somente bandidos”. A partir das falas dos entrevistados, podemos perceber que nas favelas os policiais se eximem da culpa, pois consideram que em uma atividade criminosa como o tráfico de drogas, onde é constante o confronto com a polícia, as mortes dos bandidos são “normais”. Os policiais não têm culpa, pois afinal “estavam fazendo o seu trabalho”. A morte dos traficantes é vista como normal, pois “eles são bandidos”.

Jovens em situação de rua: os “meninos de rua”

“Menor de rua” foi esta a categoria utilizada pelos policiais para se referir aos jovens que transitam pelas ruas da cidade. Segundo os policiais, os crimes mais comuns atribuídos a estes jovens é o roubo a pedestres. Curiosamente, os “meninos de rua” foram apontados como “juventude problemática” somente na Zona Sul da cidade e em nenhuma entrevista eles foram apareciam como “problema” de polícia em outras regiões, o que me faz deduzir que noutros locais eles são mais “tolerados” que na Zona Sul. O fato de eles serem considerados “problema” na Zona Sul não significa que eles se restrinjam somente a esta região, mas que é ali que eles são mais visíveis. O fato de se localizarem na Zona Sul da cidade, área valorizada econômica e socialmente, onde moram pessoas com mais prestígio social, faz com que justamente nesses espaços estes jovens saiam da “invisibilidade social” e, a partir do medo que muitas vezes acionam, se tornem mais “visíveis”.

Muitos foram os casos narrados pelos entrevistados para exemplificar os “problemas” que este grupo de jovens provocam e como a partir daí eles se tornam “problemas de polícia”. Um destes foi à lembrança que um entrevistado¹⁸ teve sobre o verão de 2003 quando alguns “meninos de rua” estavam vindo em um ônibus da Zona Sul em direção ao centro da cidade e estavam jogando pedras nas pessoas que estavam nas ruas. O ônibus foi parado pelos policiais que estavam realizando uma blitz e, mesmo alguns “meninos de rua” conseguindo fugir do cerco policial pela janela do

¹⁸ 2º tenente, 29 anos. 2º BPM – Botafogo. 5 anos de serviços prestados à PMERJ.

ônibus, porém, um grupo de aproximadamente quarenta “menores” foi detido. Segundo o policial, quando os “menores” foram perguntados sobre o porquê de estarem fazendo aquilo, eles logo “caíram em contradição”. Mas como não havia nenhuma vítima que pudesse prestar queixa contra os “menores” e como já sabemos que “sem vítima, não há crime”, os “menores” não puderam ser levados para a DPCA (Delegacia de Proteção a Criança e aos Adolescentes). Segundo o policial a única alternativa que lhe restou foi separar os menores e colocá-los em ônibus separados para viajarem sozinhos, porque para ele “sozinhos eles não fazem merda, sozinho ele não faz besteira, normalmente é em grupo, eu acho que eles se sentem mais fortalecidos e, quando estão em grupo, resolvem agir desta maneira”.

A mesma sensação de desânimo que os policiais sentem em relação aos jovens de “classe média” – moradores da Zona Sul e consumidores de drogas – também é acionada em relação aos “meninos de rua”, principalmente, porque “prendem os menores hoje e, amanhã mesmo, eles já estão nas ruas cometendo os mesmos delitos”. Também é comum recolherem os menores mesmo que eles não estejam fazendo nada, para conduzi-los aos abrigos da Prefeitura. Mas, como eles não são obrigados a permanecer nestes locais, acabam voltando para as ruas. Segundo os policiais, nos abrigos, os menores tomam banho, jantam e “voltam para as ruas mais fortes para roubar”. A outra face desse problema é a própria população que muitas vezes por “pena” da situação dos “menores”, sem os direitos sociais básicos como comida, moradia e estudo, acabam colaborando para que eles permaneçam nas ruas da Zona Sul, na percepção dos policiais, dificultando o seu trabalho.

As falas dos policiais apontam as dificuldades em lidar com os “menores de rua”, principalmente porque existem moradores que são a favor da permanência dos menores nas redondezas e outros são contra. Entre os que são a favor, as senhoras idosas foram apontadas como as que mais beneficiam os “menores” levando comida, cobertores, roupas etc. já alguns moradores que são contra, segundo os entrevistados, chegam a fazer “justiça com as próprias mãos” que vão desde insultos verbais ao uso de ou “jogar creolina na porta de seu prédio” para que os “menores” não se instalem naquele local, podendo evoluir para agressão física.

Entre os policiais que patrulham as ruas da Zona Sul os “menores de rua” são conhecidos como “fedorentos” e muitos não gostam de lidar com estes menores, mas como não têm escolha acabam lidando meio a contragosto. É comum que os policiais auxiliem a Prefeitura no recolhimento destes e mesmo que não estejam fazendo nada

são levados para os abrigos da Prefeitura para “limpar a praça”. Podemos perceber o quanto às categorias “limpo” e “sujo” encontram-se presentes no discurso dos policiais. Para estes, os “menores de rua” são “fedorentos”, portanto estão sujos; a medida a ser tomada é transferi-los para abrigos separados para que não voltem a se juntar. Ao recolherem os “menores” os policiais dizem que estão “limpando a praça”.

Douglas (1976:121) esclarece: “parece que se uma pessoa não tem lugar num sistema social, sendo, por conseguinte, marginal, toda preocupação com o perigo deve partir dos outros. Ela não pode evitar sua situação anormal. Isto é aproximadamente como nós próprios olhamos pessoas marginais num contexto secular, e não ritual”. O relato de Douglas ajuda a compreender que os “menores de rua” na Zona Sul da cidade estão fora do seu “lugar social”, portanto naquele espaço representam “perigo”. Como eles não têm lugar no sistema social, toda a preocupação com o perigo que representam deve partir “dos outros”, no caso dos menores que estão na Zona Sul de autoridades Municipais e Estaduais.

Entretanto, há espaços que os “meninos de rua” são mais tolerados. As ações dos policiais em relação aos “meninos de rua” acabam por legitimar a Zona Sul é um espaço que os “menores” não devem permanecer e que ali são vistos como “problema”. Ao conduzir os “meninos de rua” para os abrigos da Prefeitura é comum que sejam levados para diferentes abrigos, localizados em diferentes pontos da cidade, dificultando que eles se reencontrem e novamente ocupem as ruas da Zona Sul da qual foram retirados, pois ali são vistos como “invasores”. No discurso dos policiais, o que importa é impedir as aglomerações dos “menores de rua” nas ruas da Zona Sul da cidade. Todavia, acredito que o fato de os “menores de rua” representar perigo de danos físicos, simbólicos e materiais para os moradores daquela localidade influencia diretamente no tratamento dos policiais em relação aos menores, que são constantemente vigiados e punidos mostrando-os a posição que ocupam na estrutura social.

Para os policiais, a falha do poder público faz com que as pessoas sintam pena dos menores e dêem dinheiro a eles. Afirmam que essa atitude só contribui para que eles permaneçam naquela situação e que as pessoas deveriam deixar o problema para uma instituição social para o Estado resolver. Mesmo com as melhores intenções, as pessoas que procuram ajudar, podem em alguns casos atrapalhar. Para o entrevistado, os menores não vão querer ir para os abrigos, porque sabem que nas ruas vão ter comida, dinheiro, roupas etc. Em relação aos pequenos roubos que os menores cometem, os policiais disseram que na maioria das vezes, quando os menores roubam algo “em

grupo” quando o policial consegue segurar o menor e levá-lo até a vítima, o produto que foi roubado já foi passado para outro “menor” e não se encontra mais em poder daquele que efetuou o roubo.

Aparência, símbolos e cores

Os policiais que freqüentemente atuam nas favelas cariocas, sobretudo os mais velhos, dizem que são capazes de identificar claramente bandidos e trabalhadores. Nesta identificação muitos elementos se misturam, mas sem dúvida a aparência é um critério fundamental. As vestimentas, maneira de andar, de falar, os gestos, tatuagens, cordões e bonés e a cor do jovem são os critérios que influenciam nessa “tipificação do suspeito”. Dessa forma, os policiais transformam critérios subjetivos em critérios objetivos. Apoiados em suas experiências cotidianas, a aparência do jovem pode indicar qual comando dita as regras no local onde este reside e com qual comando ele se identifica. Algumas vezes é possível indicar até mesmo se o jovem já foi preso, porque, segundo os policiais que entrevistei, existe uma linguagem típica de pessoas que estiveram presas.

Para muitos policiais, há entre os jovens traficantes uma “preferência” por certas cores e marcas de roupa. Dessa forma, a TCK¹⁹, marca mundialmente conhecida, é habitualmente usada pelos jovens pertencentes à facção criminosa Terceiro Comando, assim como a Cyclone²⁰, marca famosa mundialmente utilizada por surfistas, é a preferida dos jovens traficantes ligados ao Comando Vermelho.

A cor²¹ das roupas é outro fator importante na caracterização do jovem traficante. Assim, os jovens ligados ao comando vermelho não usam de forma nenhuma roupas azuis e da marca TCK e jovens ligados ao Terceiro Comando não usam roupas

¹⁹ Essa marca, segundo os policiais, é a preferida pelos jovens porque faz referência ao Terceiro Comando do Kiko, líder histórico do grupo.

²⁰ Segundo os policiais a Cyclone é a preferida dos jovens ligados ao Comando Vermelho por lembrar a sigla CV (Comando Vermelho)

²¹ Em uma entrevista que realizei com um policial do Batalhão de Choque, perguntei se a roupa influencia nas abordagens e ele respondeu que influenciava. Ele me perguntou: você costuma usar roupa vermelha? Respondo que sim. Mas todos os dias? Digo que às vezes, mas não todos os dias. Continua ele, mas tem jovens que passam aqui e todos os dias estão de vermelho, eles não trabalham e estão sempre com o tênis da moda, um Nike no pé, com a roupa da Cyclone e tal. Onde eles conseguiram dinheiro para comprar esse tênis ninguém sabe ou finge que não sabe. Quer ver um exemplo. Se você comprar uma roupa da TCK e andar pela rua, você pode até ser morto pelo Comando Vermelho, porque você é inimigo, a mesma coisa se você andar com uma roupa da Cyclone, porque a TCK é da sigla do Terceiro Comando e a Cyclone do Comando Vermelho, então eu não sei o porquê acontece isso, mas é verdade. A partir disso é que nós sabemos quem é bandido e quem é trabalhador.

vermelhas e da Cyclone. Todavia, essas regras não valem somente para os jovens ligados as facções criminosas, mas para os moradores das favelas, assim como para eventuais visitantes. Aqueles que porventura desconheçam tais regras “não verbalizadas”, podem passar por algum constrangimento. Dessa forma, o Terceiro Comando e o Comando Vermelho têm na cor azul e vermelha respectivamente os seus sinais diacríticos. Os policiais costumam identificar a partir desses sinais a qual facção criminosa o jovem está ligado.

Para Dutra (2002:361) “as roupas geralmente emitem mensagens mais ou menos claras sobre os grupos sociais, de modo que eles possam ser identificados e reconhecidos. É preciso dizer que há pessoas que optam por serem mais precisas em suas mensagens e outras não. O tipo de roupa que expressa de forma mais precisa e concisa uma informação provavelmente é o uniforme. Por meio de signos convencionalmente associados a determinados grupos, o uniforme ajuda o reconhecimento e a legitimação dos mesmos”.

De fato, nas favelas cariocas “controladas” por uma facção criminosa, as roupas emitem mensagens claras que contribuem na identificação dos jovens pelos policiais. As cores e a “preferência” específica por determinadas marcas de roupa indicam a filiação a uma determinada facção. Na visão dos policiais, essa preferência transforma-se em um elemento a mais na “caracterização do suspeito”, pois informam a qual facção o jovem pertence e desta forma ele é identificado como “inimigo”. Assim, os jovens ao usarem a roupa vermelha em favelas controladas pelo Comando Vermelho sinalizam, na percepção dos policiais, o seu pertencimento a esta facção. Ao mesmo tempo em que marcas e cores das roupas são atribuídas aos comandos, elas também podem representar perigo para as pessoas desavisadas que desconhecem as “regras não verbalizadas” comuns nestes espaços. Se um jovem estiver com uma camisa da TCK e entrar numa favela controlada pelo Comando Vermelho, seja para visitar algum parente ou amigo, sua atitude pode ser interpretada como uma provocação aos traficantes locais, e possivelmente sua vida correrá risco.

Nessa “caracterização do suspeito” outros símbolos são igualmente importantes. Assim, tênis da marca Nike utilizado dentro de uma favela pode indicar pertencimento ao tráfico de drogas. As vestimentas que os jovens traficantes elegeram como a de sua preferência transmitem informações a seu respeito, mensagens codificadas as quais nem todos os cidadãos têm acesso e poucos sabem realmente interpretar. A preferência por grifes como a TCK, Cyclone ou Nike reflete o atual momento da globalização.

Para além da distinção entre as facções, a preferência por certas marcas e cores indica disputas por símbolos de poder estabelecido pelas facções criminosas que atuam na cidade do Rio de Janeiro. Assim Cyclone, TCK e Nike são símbolos de poder consumidos por jovens traficantes que, em suas trajetórias de vida, contam com um histórico de discriminação, violência e estigma atribuído pelos “de fora” aos “de dentro”.

No caso estudado, se os jovens traficantes elegeram a cor vermelha ou azul, assim como a TCK, a Cyclone e a Nike como “marcas preferenciais” e signos de identidade ao grupo que pertencem, alguns policiais também compartilham a noção de que as cores carregam consigo mensagens e significados sociais. Segundo um entrevistado²², a cor azul da farda que os policiais utilizam em seu trabalho influencia no respeito dos cidadãos que eles têm da população. Para o entrevistado, os policiais que usam a farda azul têm menos respeito que os que usam a farda preta, caso dos policiais que servem no BOPE (Batalhão de Operações Especiais) - grupo de elite da Polícia Militar - e os da CORE (Coordenadoria de Recursos Especiais) - grupo de elite da polícia civil que foram lembrados pelo entrevistado. De fato, parece haver uma relação estreita entre cor da farda, respeito e autoridade.

Vimos o quanto a cor e a marca das roupas tornam-se elementos fundamentais na “caracterização do suspeito”, no discurso dos policiais. Outro fator importante para os policiais são as tatuagens. Alguns policiais disseram que existem “tatuagens de cadeia”. Essas tatuagens revelam que o jovem já esteve preso e, portanto, transformam-no em um “suspeito em potencial”. Os policiais dizem que o jovem pode não dever mais nada a justiça, mas também pode ser um foragido, sendo assim o param e averiguam a situação. Nestes casos a tatuagem pode ser considerada um estigma, no sentido que Goffman (1985) deu a este termo. Este autor explica a origem do termo estigma e o que ele indica: “Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo *estigma* para se referirem a sinais corporais com os quais se preocupava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos em cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor – uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada, especialmente em lugares públicos”. As “tatuagens de

²² Soldado, idade não revelada. 15º BPM de Caxias. 9 anos de serviços prestados à PMERJ

cadeia” são consideradas estigmas porque são sinais corporais que evidenciam o status moral de seu portador.

A maneira de andar, se a mão está amarela com a ponta dos dedos queimada, a maneira de falar e gesticular, todos esses pontos influenciam se um jovem vai ser considerado bandido ou trabalhador. Segundo um entrevistado até o dinheiro do bandido “fede” e não tem como dizer que foi ganho trabalhando. Um entrevistado²³ me disse que “dependendo da maneira como o suspeito fala e gesticula, a gente saca que algo está errado, então a gente chega logo porrando, porque é vagabundo”. De fato, muitos elementos são expressos na linguagem da suspeição demonstrada pelos policiais. O passo de uma pessoa pode também indicar sua “identidade social”. Um policial me disse que “o passo do cadeeiro é mais largo, arrastado, enquanto o passo do PPI (paisano de pé inchado – comum na linguagem policial para definir as pessoas que transitam pelas ruas) é mais apressado, pode andar lentamente, mas não arrastando o pé”. Nos exemplos citados pelos policiais, vimos o quanto a aparência de fato influencia na “caracterização do suspeito”. Estes exemplos demonstraram que devido ao seu ofício, os policiais são levados a construir complexos sistemas de classificação.

Finalizando, podemos dizer a partir dos depoimentos, que realmente a aparência é um fator importante na “caracterização do suspeito” pelos policiais. No entanto, esta caracterização varia de acordo com o espaço em que o policial estiver. Nas favelas, símbolos como TCK, Nike e Cyclone chamam mais a atenção e nas ruas, a maneira de falar, de andar, gesticular etc. é que saltam aos olhos dos policiais com mais rigor. Sabemos o quanto essas classificações são arbitrárias e, de certa forma, este trabalho contribuiu para elucidar alguns dos elementos que as constituem.

²³ Soldado, 30 anos. 3º BPM do Méier. 6 anos de serviços prestados à PMERJ.

Considerações Finais

O objetivo deste *paper* foi demonstrar diferentes lógicas classificatórias que fazem parte do cotidiano de policiais militares no tocante aos diferentes segmentos juvenis com os quais estes lidam rotineiramente e constituem uma rede de significados que, para os policiais, faz muito sentido. Vimos que os jovens são classificados de acordo com o local em que residem. É dentro desta “lógica classificatória” que faz sentido falarmos em: jovens da favela, jovens do asfalto, jovens de classe média, jovens da Zona Sul, jovens da Zona Norte etc.

De fato, ao longo da pesquisa de campo descobri que os policiais que entrevistei não eram “anjos”, tampouco demônios”, mas pessoas que estão submetidos aos mais complexos dilemas nas ruas da cidade do Rio de Janeiro. Longe de querer classificar suas ações como certas ou erradas, busquei compreendê-los em seus próprios termos, deixando de fora “juízos de valor” que muitas vezes contaminam o trabalho acadêmico. Mas do que descobrir a “Verdade”, procurei perceber as verdades presentes no discurso do grupo que entrevistei. No entanto, há ainda uma escassez de trabalhos que busquem compreender os significados que os policiais militares dão às suas ações. De certa forma, o senso comum *savant* ainda tem certa restrição em estudar um grupo tão criticado em suas ações. Isso, por outro lado, estabelece uma separação entre os policiais e o resto da população, estabelecendo de fato um “nós” e um “eles”. É necessário superar este distanciamento entre a academia e os policiais, só assim é que no futuro poderemos melhor compreender suas ações e “visões de mundo”.

Referências Bibliográficas

ALVITO, M. **As cores de Acari: uma favela carioca**. Editora FGV. Rio de Janeiro. 2001

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Bertrand Brasil. 3º edição. Tradução Fernando Tomaz, 1999

BRETAS, M. L. **A guerra das ruas: povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Arquivo Nacional, 1997

CANO, I. **Letalidade da Ação Policial no Rio de Janeiro**. ISER. P. 80. Rio de Janeiro, 1997

COELHO, E. C. **A criminalidade urbana violenta**. Dados – revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, vol.31, nº 2, 1988. pp 145-183.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro, 1997

DARNTON, R. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. 4ª ed. Tradução Sonia Coutinho. Rio de Janeiro, 2001

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. Editora Perspectiva. São Paulo, 1976

DUTRA, J. L. **Onde você comprou esta roupa tem para homem?: a construção da masculinidade nos mercados alternativos de moda**. In: Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Goldenberg, M. (org). Editora Record. Rio de Janeiro. pp: 359 - 411. 2002.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 3ª ed. 1975

GOLDENBERG, M. **A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997

KANT DE LIMA, R. **A Polícia na Cidade do Rio de Janeiro**. Ed. FORENSE. Rio de Janeiro, 1985.

MUNIZ, J. **Ser policial é, sobretudo, uma razão de ser: cultura e cotidiano da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, IUPERJ, 1999

NOVAES, R. **Juventude, conflito e solidariedade**. Comunicações do ISER. Nº 50. Ano 17, 1998.

RAMOS, S. **“Geografia da Dura”**. www.cufa.com.br. 2003

RINALDI, A. A. **Marginais, delinquentes e vítimas: um estudo sobre a representação da categoria favelado no tribunal do júri da cidade do Rio de Janeiro.** In: Um século de favela. Zaluar, A & Alvito, M (orgs). 3^a ed. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2003

SANSONE, L. **Fugindo para a força: cultura corporativista e “cor” na Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.** Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, n°3, 2002, pp. 513 – 532

SOARES, L. E. **Violência e Política no Rio de Janeiro.** Relume Dumará, 1996

VELHO, G. **A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social.** Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1973

ZALUAR, A. **A Máquina e a Revolta.** Brasiliense. 1985